

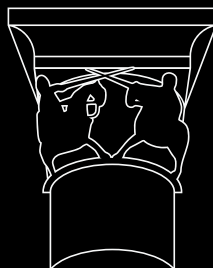
XLVIII

SEMANA INTERNACIONAL
DE ESTUDIOS MEDIEVALES
ERDI AROKO IKERLANEN
NAZIOARTEKO ASTEA

ESTELLA-LIZARRA

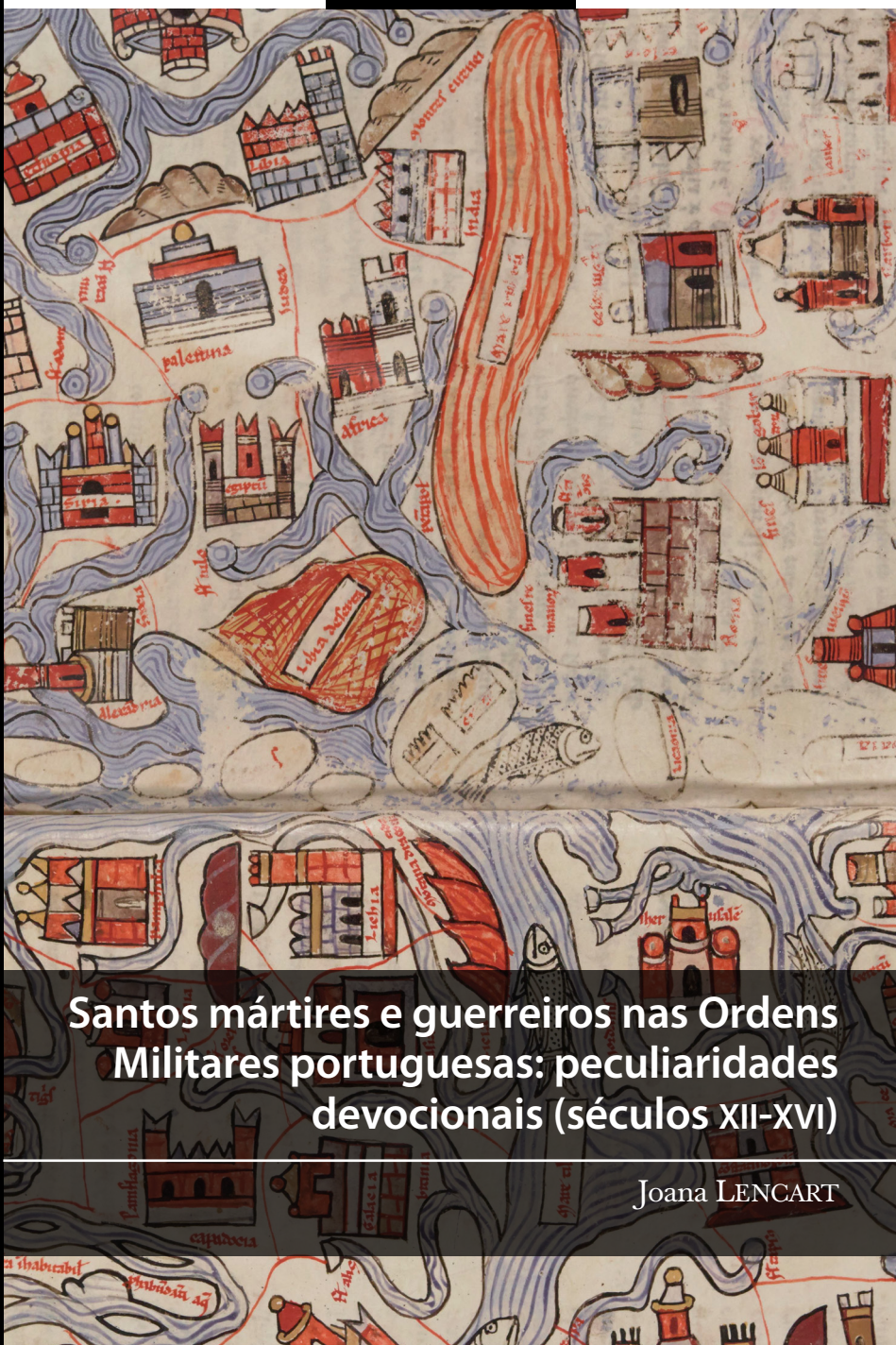
MILITES DEI

Las órdenes militares:
Encaje social y
manifestaciones
religiosas



MILITES DEI

Ordena militararak:
Tokia gizartearen
eta adierazpen
erlijiosoak



SEPARATA

19/22

JULIO / UZTAILA

2022

Santos mártires e guerreiros nas Ordens
Militares portuguesas: peculiaridades
devocionais (séculos XII-XVI)

Joana LENCART

Título/Izenburua: Milites Dei. Las órdenes militares: Encaje social y manifestaciones religiosas (XLVIII Semana Internacional de Estudios Medievales. Estella-Lizarra. 19/22 de julio de 2022)

Milites Dei. Ordena militarrek: Tokia gizartean eta adierazpen erlijiosoak (XLVIII Erdi Aroko Ikerlanen Nazioarteko Astea. Estella-Lizarra. 2022ko uztailak 19/22)

Todos los originales han sido revisados según los protocolos en uso en revistas referenciadas por evaluadores del comité científico de la Semana Internacional de Estudios Medievales de Estella-Lizarra. Este comité está formado por los siguientes evaluadores: Ana Rodríguez López, Eloísa Ramírez Vaquero, Julia Pavón Benito, Véronique Lamazou-Duplan, Pascual Martínez Sopena, María Bonet Donato y Juan José Larrea Conde.

Edita / Argitaratzailea: Gobierno de Navarra / Nafarroako Gobernua
Departamento de Cultura y Deporte
Kultura eta Kirol Departamentua
Dirección General de Cultura-Institución Príncipe de Viana
Vianako Printzea Erakundea-Kultura Zuzendaritza Nagusia

© Gobierno de Navarra / Nafarroako Gobernua
© Autores / Egileak

Imagen de la cubierta / Azaleko irudia: *Mapamundi*. Beato de Pamplona
París, Biblioteca Nacional, Nouv. acq. lat. 1366

Composición / Konposizioa: Pretexto

ISBN: 978-84-235-3668-9

DL NA 949-2023

DOI: <https://doi.org/10.35462/siemel.48>

Promoción y distribución / Sustapena eta banaketa: Fondo de Publicaciones del Gobierno de Navarra
Nafarroako Gobernuaren Argitalpen Funtza
Navas de Tolosa, 21
31002 Pamplona/Iruña
Tel.: 848 427 121
fondo.publicaciones@navarra.es
<https://publicaciones.navarra.es>

Índice

PONENCIAS

- 1 I Reformismo e innovaciones espirituales en el Occidente cristiano: su reflejo en las órdenes militares (ss. XI-XIII)
Carlos de Ayala Martínez
- 5 I Entre guerra santa y pragmatismo: las órdenes militares y la sociedad en el Oriente latino
Judith Bronstein
- 7 I ¿Una espiritualidad aristocrática? Los comendadores de la Orden del Hospital en los prioratos del sur de Francia (c. 1250-c. 1330)
Damien Carraz
- 99 Las casas templarias y su mobiliario litúrgico
Francesca Español i Bertrán
- 135 El gobierno de los vasallos por una orden militar medieval. La orden de Montesa en los siglos XIV y XV
Enric Guinot Rodríguez
- 163 Ambición arquitectónica y componente funerario en iglesias románicas sanjuanistas de León, Castilla y Navarra
Javier Martínez de Aguirre
- 197 Tramas sociales y religiosas del Temple y el Hospital en Navarra, Aragón y Cataluña (ss. XII-XIII)
Julia Pavón Benito / María Bonet Donato
- 23 I Le città dei Cavalieri nel Mezzogiorno d'Italia
Antonella Pellettieri
- 255 Redes de atuação, memórias socio-religiosas e linguagens funerárias dos Templários e dos Hospitalários em Portugal
Paula Pinto Costa
- 289 Órdenes militares y fe de los laicos. Vivencias litúrgicas bajo dependencia calatrava (ss. XV-XVI)
Raquel Torres Jiménez

COMUNICACIONES

- 32 I La élite dirigente del priorato hospitalario de Navarra: extracción social y tendencias (1435-1487)
Miguel Ángel Arrondo Durán
- 33 I La Orden del Temple en el engranaje social de la Galicia medieval
Almudena Bouzón Custodio
- 347 Santos mártires e guerreiros nas Ordens Militares portuguesas: peculiaridades devocionais (séculos XII-XVI)
Joana Lencart
- 363 La influencia social de la casa del Temple de Zaragoza antes de ser encomienda
Carlos-F. López-Gómez
- 377 La religiosidad en las poblaciones calatravas del Alto Guadalquivir durante la Edad Media
Antonio del Rocío Romero Zafra
- 389 Servir para medrar. La carrera administrativa del caballero navarro Juan Martínez de Mañeru durante la primera mitad del siglo XIII
Ander Salinas Garrido

Santos mártires e guerreiros nas Ordens Militares portuguesas: peculiaridades devocionais (séculos XII-XVI)

Joana Lencart

Universidade de Oporto / FLUP / CITCEM
jlencart@letras.up.pt

O estudo da hagiografia e da devoção entre freires e fiéis das Ordens Militares é um tema em aberto, pelo que decidimos dedicar este estudo a uma análise da devoção a santos mártires e guerreiros nas Ordens Militares. A partir de trabalhos recentes¹, alargaremos o estudo a todas as Ordens Militares implantadas no território português.

As principais fontes a ter em conta para o estudo da devoção aos santos mártires e guerreiros são os registos de visitação e os tombos das comendas, bem como as crónicas e narrativas hagiográficas que memoravam feitos de freires venerados como mártires entre as Ordens Militares, e os textos normativos procurando elementos que remetam para aspetos devocionais nestas instituições.

* Trabalho realizado no âmbito dos projetos *The Hospital and the Temple in the Crown of Aragon and the Kingdom of Navarre (12th-13th c.)* (PID2020-117519GB-I00); *La dimensión religiosa de las órdenes militares a partir de fuentes documentales y arqueológicas* (SBPLY/19/180501/000071).

¹ P. P. Costa, R. Torres Jiménez y J. Lencart, «The Patrons saints of Military Orders churches' in Castille and Portugal, 1462-1539», *Military Orders VII Piety, Pugnacity and Property*, Routledge, 2020, pp. 267-281; P. P. Costa, R. Torres Jiménez y J. Lencart, «The Patron Saints and Devotions of the Benedictine Military Orders (Portugal and Castile, 15-16th Centuries)», *e-Journal of Portuguese History*, 17 (2), Dec. 2019 <https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue34/html/v17n2a02.html>; P. P. Costa y J. Lencart, «Da violência ao culto: santos guerreiros e mártires na espiritualidade devocional da Ordem de Cristo (1462-1536)», *Roda da Fortuna*, 8 (1), pp. 391-412 <<https://www.revistarodadafortuna.com/2019-1>>; J. Lencart, «La devoción en las iglesias de la Orden de Cristo en los ss. XV y XVI», en R. Torres Jiménez (coord.), *Órdenes Militares y religiosidad en el Occidente medieval y el Oriente latino (s. XII-1/2 XVI). Ideología, memoria y cultura material*, Marcial-Pons (prelo); J. Lencart, «A guerra como condição de santidade: freires e mártires venerados entre as Ordens Militares (ss. XII-XVI)», *Via Spiritus*, 28, 2021, pp. 193-231 <<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi28a8>>.

1. SANTOS MÁRTIRES E GUERREIROS VENERADOS NAS ORDENS MILITARES

As Ordens Religioso-Militares foram fundadas no Oriente Latino no início do século XII com o objetivo de defender os lugares santos e proteger os peregrinos. O conceito de luta pela libertação dos espaços sagrados recua aos Padres da Igreja, nomeadamente a St. Agostinho, que introduziu na discussão teológica o conceito de «guerra justa», mais tarde substituído pelo de «guerra santa»². O impulso teórico dado por Urbano II no Concílio de Clermont (1095) originou as expedições militares que ficaram conhecidas como cruzadas cristalizando o ideal de «guerra santa». Esta experiência de sacralização da guerra deu origem ao aparecimento no Oriente Latino dos Hospitalários e Templários, grupos de cavaleiros com orientação cristã, que rapidamente se instalaram no Ocidente peninsular.

Na segunda metade do século XII, surgem na península ibérica outras Ordens Militares, em particular, Santiago, Calatrava, Avis e Cristo. A Ordem de Santiago em Portugal encontrava-se sujeita ao Mestre de Uclés, procurando desde cedo autonomizar-se³. A Milícia dos Freires de Évora (1175/76), como inicialmente se chamou a Ordem de Avis, começou por ser uma confraria de cavaleiros chefiados por Gonçalo Viegas⁴. O processo contra os Templários (1308) conduziu à sua supressão no Concílio de Vienne (1312). Para evitar a transferência de bens para os Hospitalários, D. Dinis convenceu o pontífice a criar uma nova milícia em território português, a Ordem de Cristo (1319), mantendo a filiação institucional a Calatrava e seguindo os costumes de Cister.

Enquanto comunidade monástica, os freires viviam sob a observância de uma regra adaptada ao seu *modus vivendi* que fixava as obrigações religiosas, os usos conventuais e os deveres do novo freire no momento da sua profissão⁵, sendo depois complementada com outros textos normativos. Na tabela 4 (em anexo) estão registados estes textos normativos que dizem respeito às Ordens Militares com implantação no território português desde o século XII até ao século XVI. Importa destacar dois momentos-chave na produção normativa das Ordens de Cristo, Avis e Santiago. O primeiro é balizado entre a *Ordenação* de Cristo de 1319 e os *Estabelecimentos* de Santiago e as *Definições* de Avis, de 1327. A Ordem de Cristo produziu quatro Ordenações entre 1319 e 1326, tendo sido esta última que fixou a normativa da Ordem.

² J. Flori, «Guerre Sainte», en N. Bériou y Ph. Jossierand (eds.), *Prier et Combattre. Dictionnaire Européen des Ordres Militaires au Moyen Âge*, Fayard, 2009, pp. 410-411.

³ L. F. Oliveira, «Ordens Militares», en B. V. Sousa (ed.), *Ordens Religiosas em Portugal: das origens a Trento. Guia Histórico*, Livros Horizonte, 2016, p. 476.

⁴ L. A. Fonseca, «Ordens Militares», en C. M. Azevedo (ed.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 3, Círculo de Leitores, 2000, p. 339.

⁵ A. Demurger, *Chevaliers du Christ, Les ordres religieux-militaires au Moyen Âge XI-XVI siècles*, Seuil, 2002, p. 83.

Assim, é na realidade entre 1326 e 1327, início do reinado de D. Afonso IV, que são firmados os primeiros textos normativos destas instituições e que irão vigorar, *grossa modo*, até ao início do século XVI. São textos de pendor patrimonial que visavam clarificar os bens da mesa mestral, do convento e das comendas dessas instituições.

É no início do século XVI, entre 1503 e 1509⁶, que podemos colocar o segundo momento-chave da produção normativa destas instituições, marcadamente religiosa e espiritual, com determinações precisas acerca da vida dos freires clérigos e cavaleiros. Ao longo do século XVI serão produzidos outros textos normativos com o claro intuito de regular a vivência espiritual e conventual dos seus membros em linha com as reformas que se vinham impondo na Igreja Ocidental, nomeadamente no Concílio de Trento.

Destacando os aspetos devocionais dos freires refletidos nestes textos normativos, vemos por exemplo que a primitiva Regra Templária previa as festas solenes que os irmãos deviam guardar. Entre essas, figuravam as dedicadas a Santa Maria, a S. Pedro, *princeps apostolorum*, e a santos guerreiros e mártires como S. Miguel, S. Martinho, S. Sebastião, Santiago e S. João⁷. Como sabemos, a vivência espiritual dos freires diferia conforme se tratassem de cavaleiros ou de clérigos. Dos cavaleiros esperava-se apenas que participassem na missa e que soubessem o Pai Nosso, Avé Maria e o Credo⁸.

A análise das fontes compulsadas permitiu recolher dados interessantes. Para este trabalho, apenas foram considerados os templos com identificação do orago a que eram dedicados, o que permitiu elaborar a tabela 1.

A maior dificuldade foi a localização e identificação das fontes relativas à Ordem do Templo, o que justifica o baixo número de templos identificados com orago, pois sabemos que a implantação Templária no reino era extensa⁹. O processo que conduziu à supressão da Ordem poderá ter justificado a destruição de importantes acervos documentais, nomeadamente o arquivo conventual de Tomar e os arquivos das comendas onde as igrejas estavam implantadas. Por outro lado, é surpreendente o grande número de templos da Ordem de Santiago, muito graças às publicações sobre a Ordem¹⁰.

⁶ Ver tabela 4.

⁷ *Regra Primitiva da Ordem do Templo*, Tradução, introdução e notas M. J. Gandra, ed. do autor, 1998, § 74-75.

⁸ K. Toomaspoeg, «La spiritualità degli ordini militari nel Medio Evo. Lo stato della ricerca», *Studi Melitensi*, 26, 2018, p. 33.

⁹ P. P. Costa, *Templários em Portugal. Homens de Guerra e de Religião*, Manuscrito, 2019, p. 275.

¹⁰ Em particular a tese e a bibliografia em M. Cunha, [...] «visitando nós ora pessoalmente o dito meestrado de Santiago [...]». *As igrejas da Ordem Militar de Santiago. Arquitectura e materiais*, Fac. Letras U. Porto, 2012, vol. 1, pp. 565-578.

Tabela 1. Templos com oragos identificados das Ordens Militares em Portugal entre os séculos XII e XVI¹¹

Ordem Militar	Templos	N.º Oragos
Ordem do Hospital/ Malta	90	27
Ordem do Templo	52	14
Ordem de Avis	58	21
Ordem de Santiago	224	46
Ordem de Cristo	108	31

Registamos na tabela seguinte os oragos dos templos das Ordens Militares dedicados a santos mártires e guerreiros:

Tabela 2. Templos dedicados a santos mártires e guerreiros das Ordens Militares entre os séculos XII e XVI (com 4 ou mais referências)¹²

Ordem/ Orago	Stª Maria		S. João		S. Sebastião		Santiago		S. Miguel		S. Pedro		S. Martinho		S. Lourenço		S. Brás		Stª Catarina	
	%		%		%		%		%		%		%		%		%		%	
Hospital	26	28	16	16	0	0	10	11	4	4,4	5	5,5	1	1,1	2	2,2	1	1,1	0	0
Templo	29	55	4	7,7	1	1,9	4	7,7	3	5,7	2	3,8	2	3,8	0	0	0	0	0	0
Avis	20	34	0	0	6	10	4	6,9	1	1,7	4	6,9	0	0	1	1,7	3	5,1	3	5,1
Santiago	62	27	8	3,5	26	11	8	3,5	2	0,9	13	5,8	3	1,3	5	2,2	5	2,2	4	1,7
Cristo	49	45	4	3,7	4	3,7	4	3,7	6	5,5	7	6,4	5	4,6	2	1,8	0	0	1	1,8

¹¹ Fontes: S. Boisselier, *La construction administrative d'un royaume: registres de bénéfices ecclésiastiques portugais (XIII-XIV siècles)*, UCP-CEHR, 2012; M Cunha, «[...] visitando nós ora pessoalmente o dito meestrado de Samtiaguo [...]». *As igrejas da Ordem Militar de Santiago. Arquitectura e materiais*, Faculdade de Letras Universidade do Porto, 2012; P. P. Costa y J. Lencart, «As igrejas das Ordens Religioso-Militares entre 1220 e 1327: das inquirições régias aos textos normativos», en L. Rosas, A. C. Sousa y H. Barreira (eds.), *Genius Loci: lugares e significados/ Places and meanings*, vol. 1, Porto, CITCEM, 2017, pp. 57-69; P. P. Costa, *Templários em Portugal. Homens de Guerra e de Religião*, Manuscrito, 2019; J. Lencart, «A guerra como condição...», *op. cit.*, pp. 193-231; P. P. Costa, R. Torres Jiménez y J. Lencart, «The Patrons saints of Military...», *op. cit.*, pp. 267-281; P. P. Costa, R. Torres Jiménez y J. Lencart, «The Patron Saints and Devotions of the Benedictine Military Orders (Portugal and Castile, 15-16th Centuries)», *e-Journal of Portuguese History*, 17 (2), Dec. 2019.

¹² Fontes: S. Boisselier, *La construction administrative...*, *op. cit.*; M Cunha, «[...] visitando...», *op. cit.*; P. P. Costa y J. Lencart, «As igrejas das Ordens...», *op. cit.*; P. P. Costa, *Templários em Portugal...*, *op. cit.*; J. Lencart, «A guerra como condicao...», *op. cit.*; P. P. Costa, R. Torres Jiménez y J. Lencart, «The Patrons saints...», 2020, *op. cit.*; *ibid.*, 2019, *op. cit.*

Podemos concluir, num primeiro momento, que «a igreja principal de um determinado povoado ou castelo era consagrada a Santa Maria»¹³. Não obstante Santa Maria não estar incluída na categoria de mártires e guerreiros, foi considerada pela relevância que assume entre as Ordens Militares. Em termos percentuais, é na Ordem do Templo (55 %) e na Ordem de Cristo (45 %), sua herdeira patrimonial, que há mais templos dedicados à Mãe de Cristo, devoção particularmente comum na Europa Ocidental desde os séculos XII e XIII¹⁴. Acrescente-se que a Virgem era a padroeira dos Templários e os candidatos a noviços declaravam que a Ordem fora estabelecida em sua honra¹⁵. D. Simão Mendes, procurador do Templo em Castela, Leão e Portugal (1231) tinha no seu selo uma representação da Virgem¹⁶.

Há uma particularidade significativa no culto mariano: a devoção a Santa Maria dos Mártires. As primeiras igrejas no território português com esta invocação foram erigidas em Lisboa, Silves e Alcácer do Sal para sepultar os cruzados mortos na conquista dessas localidades (1147, 1189 e 1217)¹⁷. No século XVI, havia na Ordem de Santiago templos com esta invocação em Alcácer, Cacula e Casével¹⁸.

A Igreja dos séculos XI e XII promovia o culto dos santos guerreiros que incarnavam valores como obediência, coragem, proteção dos mais fracos, a luta contra o infiel, a defesa dos lugares santos e a capacidade de enfrentar e aceitar o martírio em nome de Cristo¹⁹.

A devoção a S. João, concretamente S. João Batista, é particularmente evidente entre os Hospitalários, sendo o santo que deu nome à própria Ordem: S. João do Hospital de Jerusalém. S. João Batista é considerado o precursor de Cristo, sendo venerado como mártir na sequência da sua degolação. Entre os Hospitalários, é representado iconograficamente como decapitado ou enquanto

¹³ P. P. Costa, *Templários em Portugal...*, *op. cit.*, p. 216.

¹⁴ G. R. Vairo, «I santi venerati negli Ordini Religioso-Militari: culto e iconografia», en J. A. Carreiras y C. Ayala Martínez (eds.), *Cister e as Ordens Militares na Idade Média. Guerra, Igreja e Vida Religiosa*, Tomar, 2015, pp. 231-232; N. Jaspert, «Saints, culte des», en N. Bériou y Ph. Josserand (dirs.), *Prier et combattre. Dictionnaire...*, *op. cit.*, p. 835.

¹⁵ H. Nicholson, *The Knights Templar*, Robinson, 2010, p. 158.

¹⁶ A. Baudin, «Le sceau, miroir de la spiritualité des Ordres Militaires», en D. Carraz y E. Dehoux (eds.), *Images et ornements autour des Ordres Militaires au Moyen Âge: Culture visuelle et culte des saint (France, Espagne du Nord, Italie)*, Presses Universitaires du Midi, 2016, p. 72.

¹⁷ P. Picoito, «As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal», en I. C. F. Fernandes (coord.), *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*, C. M. Palmela, 2010, p. 84.

¹⁸ M. Cunha, «[...] visitando...», *op. cit.*, vol. 1, pp. 45-46.

¹⁹ G. R. Vairo, «I Santi venerati negli...», *op. cit.*, p. 244.

Cordeiro, que simboliza o sacrifício de Cristo, e prefigurando o martírio dos monges-soldados mortos em combate ou decapitados pelos infiéis enquanto defendendo a Terra Santa²⁰. A devoção a S. João Evangelista também ocorria entre Templários e Hospitalários, representado iconograficamente junto de Cristo crucificado e da Virgem – a cena do Calvário pintada nos arcos dos cruzeiros dos templos²¹ – e como águia, nos selos de certos comendadores Templários e Hospitalários²².

S. Sebastião, oficial da guarda imperial romana martirizado no século III por ter auxiliado cristãos²³, reunia duas características muito valorizadas entre os membros das Ordens Militares: foi guerreiro e mártir. A visitação à ermida de S. Sebastião em Palmela (O. Santiago) em 1510, refere-se a um «caderno de purgaminho em que estaa a misa do martyr Sam Sebastiam»²⁴, o que demonstra que este santo tinha um ofício litúrgico diferenciado.

Santiago era um dos santos mais venerados entre as Ordens Militares peninsulares, a que não era alheio o centro de peregrinação em Compostela. A iconografia em contexto das Ordens Militares representava-o a cavalo, na sua função de guerreiro «mata-mouros»²⁵, figurando não apenas no estandarte da Ordem de Santiago, mas também nos selos dos seus dignatários²⁶. Alguns livros mencionados nos registos de visitação às igrejas de Santiago dão-nos conta do «caderno do ofício de Santiago»²⁷ separado dos demais, o que presunha uma celebração especial. É interessante verificar que a Ordem do Hospital tinha mais templos dedicados a Santiago que a própria Ordem espatária. Na realidade, os Hospitalários, pelo seu caráter assistencial, tinham templos ao longo de caminhos que se dirigiam para Santiago de Compostela, adotando esse orago.

²⁰ A. Baudin, «Le sceau miroir...», *op. cit.*, p. 76.

²¹ P. Dias, *Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510. Aspectos artísticos*, Coimbra, Inst. História da Arte FLUC, 1979, p. 189.

²² A. Baudin, «Le sceau miroir...», *op. cit.*, p. 77.

²³ K. Löffler, «St. Sebastian», *The Catholic Encyclopedia*. Robert Appleton Company, 1912 <<http://www.newadvent.org/cathen/13668a.htm>>.

²⁴ Los *freires* recopilados en esta tabla, que no son mencionados en los documentos de 1200 y 1310, aparecen citados en: P. Loscertales de García de Valdeavellano, *Tumbos del Monasterio...*, *op. cit.*, vol. I, docs. 223, 229 y 262; S. Daviña Sáinz, «El monasterio de las...», *op. cit.*, p. 132; G. Martínez Díez, *Los Templarios en...*, *op. cit.*, p. 143; M. Román Martínez (dir.), *A Colección diplomática...*, *op. cit.*, vol. II, doc. 161; J. A. Rey Cañña, *Colección diplomática de...*, *op. cit.*, vol. I, doc. 47; J. I. Fernández de Viana y Veites, «Don Rodrigo Gómez...», *op. cit.*, doc. 4; S. Cambón Suárez, *El monasterio de Santa...*, *op. cit.*, doc. 602 y en A. Martínez Sáez, *El monasterio de San...*, *op. cit.*, t. II, doc. 108.

²⁵ L. Réau, *Iconografía del arte cristiano*, Serbal, t. 2, vol. 5, 2002, pp. 169-183.

²⁶ A. Baudin, «Le sceau miroir...», *op. cit.*, p. 77.

²⁷ I. R. Pereira, «Dos livros...», *op. cit.*, p. 259.

S. Miguel representava o mensageiro de Deus, o protetor da Igreja e o chefe da milícia celeste²⁸. Os templos dedicados ao arcanjo desempenhavam uma função protetora, sendo frequente dedicar-lhe uma capela na entrada dum castelo, invocando proteção espiritual para a fortaleza²⁹. Em Portugal, refira-se a igreja de S. Miguel às portas do castelo de Monsanto reedificado pelos Templários³⁰, que evidencia a associação da veneração a santos guerreiros em templos implantados em territórios de fronteira³¹.

S. Martinho, tal como Santiago e S. Jorge, representa o cavaleiro vitorioso. No entanto, S. Martinho apresenta uma variante iconográfica – repartindo a capa com um pobre – assumindo-se como um símbolo da caridade³². Segundo Fuguet e Plaza, a partir do século XI ou XII, S. Martinho surge na iconografia bélica da luta contra os muçulmanos e os condes catalães dedicavam-lhe os lugares mais afastados e de maior perigo³³. O mesmo se pode dizer para a Ordem do Templo. Por exemplo, a igreja de S. Martinho de Penas Róias foi edificada no termo da vila, próximo da fronteira com Castela.

O culto a S. Brás terá sido importado pelos Hospitalários para o Ocidente, sendo objeto de grande devoção nas casas hospitalárias de Portugal, Castela e Provença³⁴. A igreja de Santa Maria do Olival em Tomar, matriz da Ordem de Cristo, tinha um relicário esmaltado com as suas relíquias³⁵. Na Ordem de Santiago havia cinco ermidas dedicadas a S. Brás, um hospital e uma confraria³⁶.

Apesar de praticamente não haver templos dedicados a S. Jorge entre as Ordens Militares em Portugal impõe-se uma referência a este santo guerreiro, representado iconograficamente a cavalo. Uma das igrejas Templárias de Jerusalém era dedicada a S. Jorge³⁷, representando um modelo para os freires pois

²⁸ P. P. Costa y L. Rosas, «A calendar of sixteenth-century judicial holydays: rule, spirituality and devotion», *The Journal of Religious History, Literature and Culture*, 2 (1), 2016, p. 80.

²⁹ J. Fuguet y C. Plaza, «Culto a los santos y lucha contra el Islam en las Órdenes Militares de la Corona catalano-aragonesa», en D. Carraz y E. Dehoux (eds.), *Images et ornements autour des Ordres Militaires au Moyen Âge: Culture visuelle et culte des saint (France, Espagne du Nord, Italie)*, Presses Universitaires du Midi, 2016, § 11 <<https://books.openedition.org/pumi/12870>>.

³⁰ M. J. Barroca, «Os castelos dos templários em Portugal e a organização da defesa do reino no séc. XII», *Acta historica et archaeologica mediaevalia*, 22, 2001, pp. 222-223 <<https://core.ac.uk/download/pdf/39121717.pdf>>.

³¹ P. P. Costa, y J. Lencart, «Da violência ao culto...», *op. cit.*, p. 407.

³² J. Fuguet y C. Plaza, «Culto a los santos...», *op. cit.*, § 7.

³³ *Ibid.*, § 8.

³⁴ G. R. Vairo, «I Santi venerati negli...», *op. cit.*, p. 240.

³⁵ Arquivo Nacional Torre Tombo (ANTT), *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, mc 13, n.º 2, doc. 2.

³⁶ M. Cunha, «[...] visitando...», *op. cit.*, vol. 1, pp. 64 e 115.

³⁷ G. Curzi, «Crociate, ordini militari e santi guerrieri: culto e iconografia in Italia centromeridionale», en D. Carraz y E. Dehoux (eds.), *Images et ornements autour des Ordres Militaires au Moyen*

fora um guerreiro que sofrera o martírio às mãos dos pagãos. A sua imagem surgia em selos da Ordem e em representações escultóricas e pictóricas de igrejas e capelas Templárias³⁸, sendo o seu culto particularmente ativo entre Hospitalários e Teutónicos³⁹. Não obstante, praticamente não se conhecem invocações a S. Jorge nas igrejas das Ordens Militares com implantação no território português – apenas uma ermida na Ordem de Santiago⁴⁰. Na Ordem de Cristo, S. Jorge era venerado num altar da igreja de Santa Maria de Finis-terra, junto ao castelo de Soure, local de implantação original da Ordem do Templo, e na igreja de Santa Maria da Conceição, localidade de fronteira em Idanha-a-Nova⁴¹.

Muitos dos templos das Ordens Militares existiam já nos lugares de implantação das milícias, o que justifica por um lado a diversidade de oragos e por outro o carácter local da sua devoção. Paralelamente, a adoção de cultos pré-existentes, das suas relíquias e das suas lendas, contribuía para dinamizar a devoção, atraindo fiéis e doações pias.

2. FREIRES GUERREIROS E MÁRTIRES QUE MORRERAM EM AURA DE SANTIDADE

As Ordens Militares tinham a liturgia e as homilias adaptadas às características específicas destas instituições. Refira-se, por exemplo, a liturgia da celebração para a libertação de Jerusalém que se celebrava desde 1099, a homilia sobre o significado do hábito dos freires de Santiago⁴² e as homilias da pregação da Cruzada, exaltada em três datas do calendário litúrgico⁴³.

Os livros litúrgicos e de apoio ao ofício divino são auxiliares importantes para o estudo da devoção dos freires das Ordens Militares. No entanto, para Portugal e para a cronologia em estudo esses livros são praticamente inexistentes, conhecendo-se apenas um calendário eclesiástico do século XIV e um manuscrito do século XVI com cópias de missais e santorais provenientes do

Âge: Culture visuelle et culte des saint (France, Espagne du Nord, Italie), Presses Universitaires du Midi, 2016, § 11 <<https://books.openedition.org/pumi/12864>>.

³⁸ H. Nicholson, *The Knights Templar...*, *op. cit.*, p. 164.

³⁹ N. Jaspert, «Saints, culte des», *op. cit.*, p. 835; N. Jaspert, «Saints militaires», en N. Bériou y Ph. Josserand (dirs.), *Prier et combattre. Dictionnaire...*, *op. cit.*, pp. 835-836.

⁴⁰ M. Cunha, «[...] visitamdo...», *op. cit.*, vol. 1, p. 46.

⁴¹ P. P. Costa, y J. Lencart, «Da violência ao culto...», *op. cit.*, p. 406.

⁴² J. Lencart, «A guerra como condicao...», *op. cit.*, pp. 197-198.

⁴³ J. M. Rodríguez-García, *La cruzada en tiempos de Alfonso X*, Sílex, 2014, p. 154.

convento santiaguista de Palmela⁴⁴. Ambos contêm as festas do ano assinalando santos e mártires, mas sem referências específicas a devoções das Ordens Militares. Do século XVI existe um calendário com as festas «que se guardão nos juizos» da Ordem do Hospital⁴⁵. As autoras que estudaram este calendário dividiram as referidas festas por «ciclos»: o dos mártires onde incluem Santa Catarina, Santiago, S. Lourenço, S. Bartolomeu e a Degolação de S. João Batista; o dos santos guerreiros com S. Miguel Arcanjo, S. Jorge, S. Brás e S. Sebastião; S. Martinho foi incluído no «ciclo» das Cruzadas e Peregrinações⁴⁶. Havia ainda missas e ofícios celebrados especificamente entre os Hospitalários, como a comemoração da apresentação das relíquias de S. João Batista, relíquias dispersas por vários locais da Ordem desde o século XIV⁴⁷.

Os freires das Ordens Militares dedicavam a sua vida à defesa da fé de Cristo, mas aqueles que morriam no campo de batalha podiam ansiar à recompensa do martírio⁴⁸. Assim o sugere o texto *de laude novae militiae* com que Bernardo de Claraval encorajou os Templários equiparando-os aos mártires: «Quam gloriosi revertuntur victores de praelio! Quam beati moriuntur martyres in praelio!»⁴⁹.

Vários relatos de combates na Terra Santa memoram freires hospitalários e templários que sofreram o martírio no campo de batalha. Por exemplo, o *Itinerarium Peregrinorum* recorda o martírio do cavaleiro Templário Jacquelin de Maillé, comparando-o a S. Jorge, e o *Libellus de expugnatione terrae sanctae* relata a morte do grão-mestre do Hospital⁵⁰. Apesar de considerados mártires pelas narrativas, não foram entendidos como tal por Urbano III⁵¹. Outros exemplos de relatos de freires martirizados na Terra Santa poderiam ser acrescentados, mas o objetivo é identificar aqueles que acabariam venerados como santos.

⁴⁴ J. Lencart, «A guerra como condicao...», *op. cit.*, p. 194.

⁴⁵ Publ. P. P. Costa y L. Rosas, «A calendar of sixteenth-century...», *op. cit.*, pp. 71-72.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 75.

⁴⁷ C. Dondi, «Liturgies of the Military Orders», en U. M. Lang (ed.), *The Genius of the Roman Rite. Historical, Theological, and Pastoral Perspectives on Catholic Liturgy*, Hillenbrand Books, 2007, p. 146.

⁴⁸ H. Nicholson, «'Martyrum collegio sociandus haberet': Depictions of the Military Orders' Martyrs in the Holy Land, 1187-1291», en S. John y M. Morton (eds.), *Crusading and Warfare in the Middle Ages: Realities and Representations. Essays in Honour of John France, Crusades Subsidia*, 7, 2014, p. 102.

⁴⁹ Cfr. H. Nicholson, «'Martyrum collegio sociandus...», *op. cit.*, p. 102 (Trad. «How glorious they return as victors from battle! How blessed are those who die there as martyrs!»).

⁵⁰ *Ibid.*, pp. 105-108.

⁵¹ *Ibid.*, p. 110.

Na realidade, as Ordens Militares Jerosolimitanas praticamente não prestavam culto a santos da sua própria veneração. E destes, menos ainda eram aqueles que podiam ser considerados «santos» guerreiros e mártires. A perda das bibliotecas dos estados latinos do Oriente após a queda de Acre (1291) ainda agravou o desconhecimento que temos acerca da existência, ou não, desses «santos»⁵². Não obstante, sabe-se que os Hospitalários prestavam culto a Gerardo, o fundador da comunidade hospitalária de Jerusalém cujas relíquias eram veneradas em Manosque e a Ordem de Calatrava, em Castela, prestava culto ao fundador da milícia, Raimundo de Fitero⁵³. Não há provas que algum Templário tenha alcançado póstuma veneração, não só pela destruição de provas, mas também porque os eventuais cultos terão desaparecido na sequência da dissolução da Ordem⁵⁴. Desaparecido ou absorvidos por outras Ordens Militares, como terá acontecido com Gerland de Caltagirone (m.1242), um cavaleiro cujo culto os Hospitalários herdaram com a comenda e igreja de Santa Maria do Templo, na Sicília⁵⁵.

Sobre «santos» mártires e guerreiros entre os freires portugueses das Ordens Militares e memorados em contexto destas instituições, enumerem-se:

Tabela 3. «Santos» mártires e guerreiros venerados entre as Ordens Militares, em Portugal⁵⁶

Ordem militar	«santos» mártires e guerreiros
Ordem do Hospital/	D. Garcia Martins, grão-comendador (m. 1306)
Ordem de Malta	Fr. Jerónimo Pessoa e Fr. Francisco Brito, freires (m. 1565)
Ordem de Cristo	Fr. Matias de Azevedo e Fr. Tomé de Brito (m. 1578)
	D. Leonardo de Sá, freire professo, bispo da China (m. 1599)
Ordem de Avis	D. Gonçalo Viegas, mestre da milícia (m. 1195)
	Infante D. Fernando, administrador da Ordem (m. 1443)
Ordem de Santiago	Mártires de Tavira – Seis freires cavaleiros (m. 1242)
	D. Paio Peres Correia, mestre da Ordem (m. 1275)

⁵² J. Schenck, «Some Hagiographical Evidence for Templar Spirituality, Religious Life and Conduct», *Revue Mabillon*, 22, 2011, p. 100.

⁵³ N. Jaspert, «Saints, culte des», *op. cit.*, p. 834.

⁵⁴ T. Licence, «The Templars and the Hospitallers, Christ and the Saints», *Crusades*, 4, 2005, p. 53.

⁵⁵ J. Schenck, «Some...», *op. cit.*, p. 100.

⁵⁶ Fonte: J. Lencart, «A guerra como condicao...», *op. cit.*

São, por um lado, freires que ocuparam cargos de destaque nas milícias, como D. Garcia Martins, grão-comendador do Hospital, D. Paio Peres Correia, mestre de Santiago, e D. Gonçalo Viegas, mestre de Avis, e o infante D. Fernando, administrador da referida milícia, que sofreram o martírio em contexto de guerra santa. Por outro lado, são freires cavaleiros martirizados no exercício das suas funções: a defesa da fé de Cristo. São exemplo destes Fr. Jerónimo Pessoa e Fr. Francisco de Brito, cavaleiros da Ordem de Malta, martirizados na fortaleza de S. Telmo (Malta)⁵⁷; Fr. Matias de Azevedo e Fr. Tomé de Brito, cavaleiros da Ordem de Cristo trespassados por «barbaras lanças» na batalha de Alcácer Quibir⁵⁸ e os mártires de Tavira, cavaleiros santiaguistas martirizados pelos mouros e vingados pelo mestre D. Paio Peres Correia, que logo conquista a vila de Tavira⁵⁹. Este episódio ficou memorado na crónica da conquista do Algarve⁶⁰ e deu origem a um culto a estes mártires na igreja de Santa Maria de Tavira e aos quais se dedicava uma procissão⁶¹.

Assinale-se a narrativa hagiográfica sobre o infante D. Fernando, administrador da Ordem de Avis e martirizado após o desastre de Tânger (1437), tendo morrido em 1443 e sido beatificado em 1470. A sua vida foi narrada no *Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando*, redigido por João Álvares, freire de Avis e secretário do infante⁶². O biógrafo exalta as suas qualidades morais, a sua devoção e caridade e ainda as condições extremas a que foi sujeito durante o cativeiro, narrando milagres e visões que lhe foram atribuídos⁶³.

Concluindo, estas narrativas concorrem para uma dupla finalidade: a hagiográfica visa fundamentar a santificação no martírio e a cronística usa a guerra religiosa para alicerçar a apropriação política e territorial dos lugares, neste caso das Ordens Militares.

⁵⁷ A. P. Vasconcelos, «Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso», *Via Spiritus*, 3, 1996, p. 74.

⁵⁸ J. Lencart, «A guerra como condicao...», *op. cit.*, p. 211.

⁵⁹ I. M. P. Marcante, *Memória e Imaginário medievais em quatro relatos de conquista*, Univ. A., 2019, pp. 74-76.

⁶⁰ *Crónica de como D. Paio Correia, mestre de Santiago de Castela tomou este reino do Algarve aos mouros*. Transcr. O. C. Pinto, Arq. Municipal Tavira, 2013, pp. 10-13.

⁶¹ P. Picoito, «As Ordens Militares...», *op. cit.*, p. 88.

⁶² J. Álvares, O. A., «Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando», em *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*, vol. 3, Círculo de Leitores, pp. 497-576.

⁶³ J. Lencart, «A guerra como condicao...», *op. cit.*, pp. 224-226.

Tabela 4. Fontes normativas e narrativas para o estudo da devoção nas Ordens Militares implantadas em Portugal (séculos XII-XVI)⁶⁴

Ordem militar	Título	Autor	Data	Tipo	Fonte/publ.	Obs.
Hospital	<i>Regra da Ordem de S. João de Jerusalém</i>	Raimundo de Puy	Séc. XII	Normativa	Biblioteca da Ajuda (BA), n.º 49-II-32	Determinações religiosas e espirituais.
Templo	<i>De Laude novae militiae</i>	S. Bernardo de Claraval	1129	Normativa	H. Curzon, ed. 1886	Determinações religiosas e espirituais.

⁶⁴ Fontes: A. M. P. Vasconcelos, «A Ordem Militar de Cristo na Baixa Idade Média. Espiritualidade, normativa e prática», em L. A. Fonseca (ed.), *As Ordens de Cristo e de Santiago no início da Época Moderna: A Normativa, Militarium Ordinum Analecta*, vol. 2, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1998, pp. 5-92; ANTT, *Ordem de Avis*, liv. 25; ANTT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 234; ANTT, *Ordem de Santiago/Convento de Palmela*, liv. 139 e liv. 140; Biblioteca da Ajuda (BA), n.º 49-II-32; Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), RES. 129V. e RES. 132V; *Crónica de como D. Paio Correia, mestre de Santiago de Castela tomou este reino do Algarve aos mouros*. Transcrição de O. C. Pinto, Tavira, Arquivo Municipal, 2013, pp. 10-13; H. Curzon, *La règle du temple: publiée pour la société de l'histoire de France*, Renouard, 1886; I. L. M. S. Silva, «Fazer a cura das almas. A intervenção manuelina na Ordem de Cristo (breves reflexões em torno de)», em I. C. Fernandes (ed.), *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria entre o Ocidente e o Oriente*, C. M. Palmela / Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago. 2009, pp. 809-826; I. M. C. L. Barbosa, «A Ordem de Santiago em Portugal nos finais da Idade Média», em L. A. Fonseca (ed.) *As Ordens de Cristo e de Santiago no início da Época Moderna: A Normativa, Militarium Ordinum Analecta*, vol. 2, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1998, pp. 93-288; J. Álvares, O. A., «Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando», em *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*, vol. 3, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 497-576; J. Lencart, «A guerra como condicao...», *op. cit.*; J. Lencart, «As ordenações inéditas da Ordem de Cristo de 1319 e 1323 – estudo comparativo com as de 1321 e de 1326», *População e Sociedade*, 26, 2016, pp. 99-132; J. Román, *História das Inclitas Cavalaria de Cristo, Santiago e Avis*, em P. P. Costa (ed.), *História das Inclitas Cavalaria de Cristo, Santiago e Avis*, por Fr. Jerónimo Román, em L. A. Fonseca (ed.), *Militarium Ordinum Analecta*, vol. 10, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida e CEPESE, 2008; L. F. Oliveira, «As Definições da Ordem de Avis de 1327», em I. C. Fernandes (coord.), *As Ordens Militares – Freires, Guerreiros, Cavaleiros*, Palmela, GESOS/ Município de Palmela, 2012, pp. 371-388; M. C. Pimenta, *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média: o Governo de D. Jorge*, em L. A. Fonseca (ed.) *Militarium Ordinum Analecta*, vol. 5, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 2001; M. C. A. Cunha, *A Ordem Militar de Avis: Das origens a 1329*, Faculdade de Letras Universidade do Porto, 1989; M. I. R. Ferreira, *A Normativa das Ordens Militares Portuguesas (séculos XII-XVI). Poderes, Sociedade, Espiritualidade*. Faculdade de Letras do Porto Universidade do Porto, 2004; *Monumenta Henricina*, vols. 1 (1960) e vol. 3 (1961), Coimbra, Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

Ordem militar	Título	Autor	Data	Tipo	Fonte/publ.	Obs.
Santiago	<i>Bula</i>	Alexandre III	1175	Normativa	I. M. C. L. Barbosa, 1998: 201-207	Determinações que se prendem com a vida religiosa e espiritual (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 55).
	<i>Estabelecimentos</i>	D. Paio Peres Correia	1249	Normativa	ANTT, <i>OS/CP</i> , liv. 140, fls. 63v-67v	Ofícios diários dos freires (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 56).
	<i>Estabelecimentos</i>	Pero Escacho	1327	Normativa	I. M. C. L. Barbosa, 1998: 231-236	Sem referências espirituais/ litúrgicas.
	<i>Crónica de como D. Paio Correia, mestre de Santiago de Castela tomou este reino do Algarve aos mouros.</i>	desconhecido	Séc. XV?	Narrativa cronística	<i>Crónica de como D. Paio Correia [...]</i> , ed. 2013.	Elementos hagiográficos e martirológicos.
	<i>Regra, estatutos e definições</i>	Convento	1509	Normativa	I. M. C. L. Barbosa, 1998, pp. 239-288	Determinações que se prendem com a vida religiosa e espiritual (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 80).
	<i>Regimento da Casa do Convento de Palmela</i>	Convento	1527	Normativa	ANTT, <i>OS/CP</i> , liv. 137	Governo da casa conventual (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 142).
	<i>Regra e Statutos da Ordem de Santiago</i>	Mestre e Convento	1540	Normativa	M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 2, pp. 125-220	Determinações que se prendem com a vida religiosa e espiritual (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 83).
	<i>Regra e Statutos da Ordem de Santiago</i>	Mestre e Convento	1542	Normativa	Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), RES. 129V.	Determinações religiosas e espirituais.
	<i>Regimento do Convento de Palmela</i>	Convento	1547	Normativa	M. C. Pimenta, 2001, pp. 289-300	Determinações que se prendem com a vida religiosa e espiritual (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 89).
	<i>Regra e Statutos da Ordem de Santiago</i>	Mestre e Convento	1548	Normativa	BNP, RES. 132V.	Determinações religiosas e espirituais.
	<i>Regimento de todo o governo da Ordem</i>	Convento	Séc. XVI	Normativa	ANTT, <i>OS/CP</i> , liv. 139	Conhecido como <i>Livro das Espadas</i> . Determinações que se prendem com a vida religiosa e espiritual (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 143).

Ordem militar	Título	Autor	Data	Tipo	Fonte/publ.	Obs.
Avis	<i>Definições</i>	Mestre e convento	1327	Normativa	L.F. Oliveira, 2012, pp. 382-388	Caráter patrimonial.
	<i>Definições</i>	Fr. Lourenço Eanes, comendador de Maqueda	1342	Normativa	M. Cunha, 1989, pp. 222-229	Deveres religiosos de freires e comendadores (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 55).
	<i>Tratado da vida do infante D. Fernando</i>	Fr. João Álvares	(s. XV)	Narrativa hagiográfica	J. Álvares, O.A., ed. 2019, 497-576.	Elementos hagiográficos e martirológicos.
	<i>Estatutos</i>	Convento	1503	Normativa	ANTT, <i>OA/CSBA</i> , liv. 25, fls. 49-59v	Sem referências espirituais/ litúrgicas; regimento de visitação (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 64).
	<i>Regra e Statuto da Hordem d'Avis</i>	Mestre e Convento	1516	Normativa	M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 2, pp. 11-124	Referências espirituais/ litúrgicas; regimento de visitação (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 64).
	<i>Regimento do Convento de Avis</i>	Mestre e Convento	1546	Normativa	M. C. Pimenta, 2001, pp. 269-289	Prática religiosa (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 68).

Ordem militar	Título	Autor	Data	Tipo	Fonte/publ.	Obs.
Cristo	<i>Ordenação</i>	Mestre e Convento	1319	Normativa	J. Lencart, 2016, pp. 121-126.	Caráter patrimonial.
	<i>Ordenação</i>	Mestre e Convento	1321	Normativa	<i>Monumenta Henricina</i> , vol. 1, pp. 142-150.	Caráter patrimonial.
	<i>Ordenação</i>	Mestre e Convento	1323	Normativa	J. Lencart, 2016, pp. 127-132.	Caráter patrimonial.
	<i>Ordenação</i>	Mestre e Convento	1326	Normativa	<i>Monumenta Henricina</i> , vol. 1, pp. 150-160.	Caráter patrimonial.
	<i>Ordenação</i>	Infante D. Henrique	1426	Normativa	<i>Monumenta Henricina</i> , vol. 3, pp. 112-115.	Caráter patrimonial.
	<i>Estatutos</i>	D. João Vicente, bispo	1449	Normativa	A. M. P. Vasconcelos, 1998, pp. 63-70	Religiosidade/ espiritualidade (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 63).
	<i>Estatuto</i>	Convento	1492	Normativa	ANTT, <i>OC/CT</i> , liv. 234, 1ª parte, fls. 56v-57r	Rendimento dos três quartos.
	<i>Regra e Definições da Ordem do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Cristo</i>	Convento	1503	Normativa	A. M. P. Vasconcelos, 1998, pp. 63-92	Religiosidade/ espiritualidade (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 90).
	<i>Ordenação sobre a cura das almas; regimento</i>	D. Manuel, administrador	1517	Normativa	ANTT, <i>Gaveta</i> 7, mc. 15, nº 2	D. Manuel regula todas as comendas e igrejas que tinha a Ordem de Cristo, as obrigações dos comendadores, vigários, curas e seus capelães, e os ordenados que cada um deveria receber anualmente, quer do comendador quer do «pé-de-altar» (I. L. M. S. Silva, 2009, 809-826).
	<i>Regra de Fr. António de Lisboa</i>	Convento	1544	Normativa	J. Román, ed. 2008: 92-106.	Determinações religiosas e espirituais.
	<i>Constituições da jurisdição eclesiástica da Vila de Tomar e dos mais lugares que pleno iure pertencem à Ordem de Cristo</i>	Convento	1554	Normativa	M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 2, pp. 221-270	Religiosidade/ espiritualidade (M. I. R. Ferreira, 2004, vol. 1, p. 91).

